

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A HISTÓRIA DO  
ENSINO DAS LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



# Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

Luís Alberto Marques Alves  
Ausenda Babo  
Luzia Blard  
Maria Hermínia Amado Laurel  
Daniel Coste  
Sónia Duarte  
Juan F. García Bascuñana  
Monica Lupetti  
Fernando Carmino Marques  
Fátima Outeirinho  
Alicia Piquer Desvaux  
Rogelio Ponce de León Romeo  
Maria José Salema

ORGANIZAÇÃO:

Sónia Duarte  
Fátima Outeirinho  
Rogelio Ponce de León

## FICHA TÉCNICA

### *TÍTULO*

Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

### *ORGANIZADORES*

Sónia Duarte, Fátima Outeirinho, Rogelio Ponce de León

### *EDITOR*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto

### *LOCAL*

Porto

*ANO DE EDIÇÃO* 2014

*CAPA* José Osswald

*CONCEPÇÃO GRÁFICA* Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

*ISBN* 978-989-8648-32-7

*DEPÓSITO LEGAL* 383201/14

*TIRAGEM* 150 exemplares

# Selectas francesas na segunda metade do século XIX: estratégias pedagógicas e contextos socioculturais

FÁTIMA OUTEIRINHO  
*Universidade do Porto*

É consabido que os livros didáticos nas últimas décadas têm vindo a conhecer um interesse progressivamente maior junto de todos aqueles que atentam de um modo particular na história do ensino das línguas e das literaturas, quer nacionais quer estrangeiras. Com efeito, o interesse crescente dos investigadores tem feito desta área de estudos um domínio de pesquisa em pleno desenvolvimento, caracterizando-se pela necessidade de cruzar disciplinas e estabelecendo uma rede de relações múltiplas.

Trabalhar livros didáticos significa então, e como observa Alain Choppin, ter consciência que

A natureza da literatura escolar é complexa porque ela se situa no cruzamento de três géneros que participam, cada um em seu próprio meio, do processo educativo: de início, a literatura religiosa de onde se origina a literatura escolar, da qual são exemplos, no Ocidente cristão, os livros escolares laicos “por pergunta e resposta”, que retomam o método e a estrutura familiar aos catecismos; em seguida, a literatura didática, técnica ou profissional que se apossou progressivamente da instituição escolar, em épocas variadas – entre os anos 1760 e 1830, na Europa –, de acordo com o lugar e o tipo de ensino; enfim, a literatura “de lazer”, tanto a de carácter moral quanto a de recreação ou de vulgarização, que inicialmente se manteve separada do universo escolar, mas à qual os livros didáticos mais recentes (...) se incorporaram (...). (CHOPPIN 2004).

Para a complexidade de dinâmicas a percorrer, acresce ainda o facto de história do ensino e dos discursos educativos, história cultural e história do livro partilharem fronteiras, por vezes porosas, e que o investigador não pode nem deve ignorar, não esquecendo que os livros didáticos são cruzados por três dimensões: didáctica, política e económica.

É neste quadro, muito genericamente traçado, que deve ser situada a abordagem das selectas que aqui elegemos enquanto objecto de estudo, e que são uma das variadas faces da proteiforme literatura escolar.

Funcionando com frequência como reforço de leitura, as selectas envolvem construção de saberes para além dos conteúdos didáticos específicos a trabalhar e tal construção pode jogar-se na produção e circulação não apenas de um discurso pedagógico e profissional ligado à docência como ainda num

processo a apontar para pertenças e construções culturais identitárias, de dimensão nacionais, mas também de carácter transnacional ou pelo menos europeu. Ora, as selectas de que nos ocuparemos, são colectâneas de textos para o ensino do Francês como língua estrangeira e, possivelmente devedoras, mais do que de uma preocupação ou presença identitárias portuguesas, de uma dimensão transnacional ou supranacional<sup>1</sup>.

Se, para além do mais, considerarmos, de novo na esteira de Choppin, que o livro didáctico pode responder a diferentes e normalmente responde a 4 funções – referencial, instrumental, ideológico-cultural e documental (*idem*) –, no que às selectas diz respeito é sobretudo sobre a sua função instrumental e ideológico-cultural que nos interessa reflectir, na medida em que tais antologias traduzem métodos de aprendizagem e formas de reconhecimento e/ou construção de identidade cultural, podendo assumir até uma função de aculturação.

A quem se dirigem as selectas e para que servem pois, estes conjuntos de fragmentos unidos num todo e colocados ao serviço do ensino de uma língua estrangeira? Resultam eles numa visão fragmentária ou poderão ser estruturantes em termos sociais?

Como lembram Silva e Correia, “[os] textos não são apenas proposições, horizontes a serem alcançados, mas, antes, correspondem a discursos que dão a conhecer modos pelos quais, em diferentes tempos e espaços, as atitudes e visões de mundo daqueles que exercem o magistério têm sido estruturados.” (SILVA & CORREIA 2004). Ora não tendo dados que nos permitam saber como de facto foram usadas essas selectas por professores e por alunos, resta-nos lidar com o protocolo de utilização que estas mesmas selectas terão pretendido instaurar.

No presente estudo, acolhemos para objecto de análise não um *corpus* de selectas mais alargado que nos permitiria traçar constantes e/ou variações num fio temporal oitocentista, mas apenas três, todas elas porém publicadas ou reeditadas em 1897: *Selecta Franceza para as escolas complementares e normas* da responsabilidade de Bernardo Valentim Moreira de Sá<sup>2</sup>, *Selecta Franceza ou Trechos Extrahidos dos melhores autores francezes em prosa e em verso* de José Inácio Roquete, mas revista e aumentada por Léopold Marcou<sup>3</sup>,

---

<sup>1</sup> Justino de Magalhães lembra que o manual escolar “simboliza uma construção cultural, estrutura o acto do conhecimento, materializa a relação pedagógica e configura o campo epistémico-pedagógico da cultura escolar” (MAGALHÃES 2006:8), o mesmo sucedendo com o caso específico da selecta.

<sup>2</sup> Professor da Escola Normal do Porto.

<sup>3</sup> Lente jubilado da Universidade de Paris.

e *Selecta de Autores Franceses. Prosa e poesia* de João Chêze<sup>4</sup> com notas de A.R. Gonçalves Viana<sup>5</sup>.

### **Autores, propósitos, concepções educativas**

No que toca a uma assunção no texto dos seus autores como agentes de um fazer educativo, verificam-se diferenças entre as selectas em apreço. Assim, a *Selecta Franceza para as escolas complementares e normas*<sup>6</sup> apresenta-se sem índices e sem textos prefaciais indicativos dum caminho pedagógico explícito a percorrer. Os diversos excertos coligidos são no entanto acompanhados de notas que em rodapé dão explicações sobre o funcionamento da língua (pertença morfológica, por exemplo) ou oferecem ajuda ou explicação ao nível da tradução.

Graficamente muito semelhantes e publicadas no mesmo ano pela mesma editora, já as duas outras selectas revelam-se distintas. A do Padre José Inácio Roquete tem um prólogo eivado de todo um conjunto de orientações, protocolo previamente indicado para os que fizerem uso da selecta para o ensino da “língua de Racine e de Molière”, “[essa] língua seductora, que, com justa razão, é o primeiro vehiculo da civilização moderna”, nas palavras do prefaciador. Esta obra datada de 1897 e que se apresenta como uma edição revista e aumentada por Léopold Marcou, conserva porém o prólogo da 1ª edição que possivelmente terá sido publicada nos primeiros anos da década de 50, pois Inocêncio Francisco da Silva refere a existência de uma 3ª edição em 1857.

José Inácio Roquete, na sequência do apoio a D. Miguel, ter-se-á encontrado “emigrado” primeiro em Londres e depois em França, em Paris mais precisamente, e nas palavras de Inocêncio, “deu-se então à tradução e composição de várias obras, com o fim de tornar-se prestável aos seus compatriotas, e também de recolher para si maiores recursos do que podiam provir-lhe dos escassos proventos do ministério eclesiástico” (SILVA 1916: 374-5)<sup>7</sup>. No texto liminar da selecta em apreço sublinha:

---

<sup>4</sup> Professor no liceu Janson de Saily em Paris.

<sup>5</sup> Segundo Inocêncio Francisco da Silva, Gonçalves Viana era sobretudo conhecido como filólogo, foneticista e lexicólogo (SILVA 1923: 111).

<sup>6</sup> Obra aprovada por decreto de 23 de Outubro de 1897.

<sup>7</sup> Voltou a Portugal em 1858, tendo morrido em 1870. Foi autor de um Dicionário de Português, de gramáticas francesas e ainda de uma *Selecta francesa pequena contendo os exemplos de virtude, modelos de estylo, máximas e pensamentos morais, etc. para uso dos meninos* (1854) (SILVA: 377).

Muitas são as obras de educação e de litteratura que n'este século teem saído á luz em França, porém entre ellas nenhuma ha que, num só volume, encerre os mais bellos trechos d'história, de moral pratica, de delicadeza, de sentimento e de agudeza de espirito: os mais formosos lugares, em prosa e verso, extrahidos dos melhores escritores, formando um curso abreviado de litteratura, finalmente, uma escolha dos pensamentos, máximas e sentenças, onde brilhe a verdade e a belleza, e que por isso mesmo são úteis para ornar a memoria, formar o discernimento, e dirigir a vontade na pratica da virtude. Quão útil seja um tal livro, ninguém ha que o negue. (ROQUETE 1897)

E em seguida acrescenta:

Os bellos trechos de história, os exemplos sublimes de virtude, as anedovctas interessantes, asa agudezas engraçadas, as replicas chistosase a tempo, agradável geralmenbte aos meninos, e lhes são de mais proveito que todas essas ficções românticas, mais ou menos sensuaes, em que reina ordinariamente uma moral relaxada, e por vezes egoísta e pouco christã: um público-alvo constituído por portugueses e brasileiros, mocidade estudiosa e estrangeiros que se dedicão ao estudo da língua franceza. (*idem*)

Com preocupações morais e utilitárias a selecta pretende ser “alimento moral”, “curso abreviado de litteratura” e “bibliotheca portatil”.

A selecta francesa de João Chêze vem acompanhada de dois prefácios, um da autoria do responsável das notas Aniceto dos Reis Gonçalves Viana e outro dos editores. Se a selecta de Roquete é grandemente valorizada pela leitura que pode proporcionar aos seus utilizadores, já a de João Chêze, e nos termos de Gonçalves Viana, surge com outros propósitos enunciados:

Tem dois fins a selecta que offerecemos aos alumnos portugueses que começam a estudar a língua franceza: é o primeiro ministrar-lhes textos de prosa e verso, para traducção oral ou escrita; o segundo dar-lhes lições de versão portuguesa. O carácter essencial desta selecta é apresentar aos leitores excerp-tos, ao principio facilimos no que diz respeito a sintaxe, anedoctas, narrações, fabulas, diálogos, quadros históricos, trechos dramáticos, etc. (VIANA 1897:VIII)

Dois cuidados são ainda referidos e que se enquadram dentro dos propósitos da obra: a importância em estabelecer comparações entre as duas línguas e a ajuda que pretende ser para a aquisição de uma boa pronúncia.

### **Público-alvo**

No que toca ao público-alvo, a selecta de Moreira de Sá dirige-se a alunos das escolas complementares e normais, enquanto de um modo mais diversificado a selecta de Roquete aponta para a mocidade estudiosa e para estrangeiros que se dedicam ao estudo da língua francesa, dirigindo-se a

portugueses e a brasileiros. A colectânea de João Chêze dirige-se a alunos portugueses que podem pertencer a uma baixa faixa etária, pois no prefácio dos editores podemos ler que, para crianças, “nenhum luxo de impressão é demasiado” (GUILLARD-AILLAUD 1897: XI)

### **Estrutura interna e distribuição/organização de conteúdos**

Das três obras publicadas em 1897 a de Bernardo Moreira de Sá é a única que não se organiza numa divisão em partes. Na verdade, temos apenas uma sucessão de excertos que parecem estar ao serviço de objectivos vários: uma boa aprendizagem da língua – e tomemos como exemplo a passagem extraída do *Bourgeois gentilhomme* de Molière, com o título “une leçon de grammaire scène du Bourgeois Gentilhomme, com enfoque na pronúnciação” (SÁ:171-175 –, ilustrar produções textuais com utilidade para o quotidiano – com cartas de recomendação e respostas possíveis (*idem*: 90-92), oferecer conhecimentos sobre a França em termos históricos – como sucede com o texto de Désiré Blanchet, “La Gaule” (*idem*: 14), contribuir para a formação moral dos aprendentes, e lembremos apenas o texto “Quatrains moraux”<sup>8</sup>:

#### Quatrains moraux

Notre vie est si courte! il faut la employer;  
 Instruisez-vous, enfants, dès l'âge le plus tendre.  
 Vous serez malheureux si vous cessez d'apprendre;  
 Et c'est un jour perdu qu'un jour sans travailler.

Économise tes instants,  
 Car les heures que Dieu nous donne  
 Seules sont des trésors constants.  
 Une seule avarice est bonne,  
 C'est l'avarice de son temps.

Fuyez l'indolente paresse;  
 C'est la rouille attaché aux plus brillants métaux.  
 L'honneur, le plaisir même est le fils des travaux:  
 Le mépris et l'ennui sont nés de la mollesse.  
 (*idem*:16)

Trata-se também grandemente de ministrar conhecimentos gerais sobre: o bicho da seda e a produção da seda; o chá e a produção do chá; as pedras calcárias; a astronomia; sobre diferentes estados da Europa – a propósito da Inglaterra de quem se diz ter minas de ferro e de carvão e cidades “manufacturières”, afirma-se procurando transmitir o valor do trabalho: “Il en résulte que

<sup>8</sup> Sem nome de autor.

l'Angleterre fait un grand commerce avec le monde entier: quand on travaille beaucoup, on a beaucoup de marchandises à vendre.” (*idem*: 27)<sup>9</sup>. Registe-se ainda uma preocupação de género no texto sobre o cobre: “Je ne saurais trop, mes enfants, vous recommander de faire attention au vert-de-gris./Vous, petites filles, quand vous deviendrez un peu plus grandes, et que vous serez chargées des soins du ménage, veillez au bon entretien des vases de cuivre.” (*idem*: 42)

As outras selectas, pelo contrário, têm uma forte preocupação de organização interna dos textos apresentados: a de José Inácio Roquete estrutura-se em três partes, a saber: a primeira não literária com para formar o espírito e o coração dos meninos e facilitar o estudo da língua; a segunda, um curso abreviado, mas completo, de literatura francesa, no do de Noel e la Place; a terceira, consagrada à Poesia (fábulas, narrativas familiares, poesia narrativa, poesia didáctica e descritiva, poesia mista e diversa, poesia lírica, poesia lírica religiosa, poesia dramática), estribada então numa preocupação tipológica e classificativa, numa organização por géneros.

Na de João Chêze, divide-se o livro em seis partes:

1º Sentenças moraes breves e conceituosas.

2º Trechos de geographia e historia, relativos á França, extrahidos principalmente da obra de Onésime Reclus, *France et Algérie*.

3º Trechos mais longos, pela maior parte narrativos.

4º Poesias.

5º Florilegio dos autores contemporâneos mais afamados.

6º Excerptos de obras scenicas antigas e modernas.

(CHÈZE 1897)

Com uma panóplia vasta de autores e excertos (ver quadro comparativo em anexo), as três antologias circulam entre a utilização de autores contemporâneos – significando o vocábulo, neste caso concreto, autores vivos –, e autores clássicos, figuras canónicas da história da literatura francesa. No caso das selectas publicadas pela casa editora Guillaud-Aillaud, dá-se para estes autores a indicação do ano de nascimento e ano da morte; para os autores contemporâneos existe ainda um aparato crítico constituído por notícias biobibliográficas breves, em torno dos autores citados, notícias essas rigorosamente iguais apontando para uma fonte comum. Porém, só na selecta de Chêze e Gonçalves Vianna se diz em prefácio dos editores: “resumida notícia de valor litterario desses autores devida á penna severa e lucida de um brilhante professor de litteratura francesa” (CHÈZE 1897: X); não se trata de adoptar um método histórico na arrumação dos autores e respectivos textos, mas situa-se historicamente o autor.

<sup>9</sup> A preocupação em ministrar conhecimentos variados passa ainda por textos sobre o café, o vidro, o sabão, o latão, história natural, botânica, o algodão, a lei da gravidade ou mesmo o gorila.

### Notas conclusivas

“O livro didático, como observou Chris Stray, em 1993, é um produto cultural complexo... [que] se situa no cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade”. (*apud* CHOPPIN 2004), as selectas que aqui foram objecto de breve análise cruzam valores educativos, com especial preocupação com a moral e a formação do carácter, a preocupação didáctica no ensino-aprendizagem duma língua estrangeira e a oferta de leitura útil, mas agradável que poderá preencher também um tempo de lazer. Fornecer modelos morais, culturais e linguísticos é o pano de fundo que aproxima as três selectas.

A abordagem demasiado rápida e pouco aprofundada destas selectas que apresentámos, muito teria em ganhar num escopo mais alargado em termos de *corpus* – o que nos propomos fazer em etapa futura – a permitir verificar a existência de mudanças ao nível de preocupações e abordagens pedagógicas, ao nível ainda de possíveis mutações de um processo ideológico e cultural. De todo o modo, tudo parece iniludivelmente apontar para a necessidade de um enquadramento mental, civilizacional e de discursos educativos de cariz supranacional.

### Referências bibliográficas

- CHÈZE, João. 1897. *Selecta de Autores Franceses. Prosa e poesia* (com notas de R. Gonçalves Vianna). Paris-Lisboa: Guillard-Aillaud & C<sup>a</sup>.
- CHOPPIN, Alain. 2004. “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”. *Educação e Pesquisa*. Vol. 30, nº 3: 549-566, in [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022004000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300012&lng=en&nrm=iso) (consultado em 2 de novembro 2009).
- MAGALHÃES, Justino. 2006. “O Manual Escolar no Quadro da História Cultural. Para uma historiografia do manual escolar em Portugal”. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*. 1: 5-14, in <http://sisifo.fpce.ul.pt> (consultado em 5 de novembro 2009).
- ROQUETTE, José Inácio. 1897. *Selecta franceza ou trechos extrahidos dos melhores autores francezes em prosa e em verso, para uso dos que aprendem a lingua franceza, enriquecida de noticias biographicas, e notas grammaticas e philologicas*, nova ed. aum. p/ Léopold Marcou. Paris-Lisboa: V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Guillard & C<sup>a</sup>.
- SÁ, Bernardo Valentim Moreira de. 1897. *Selecta Franceza para as escolas complementares e normaes*. Porto: Magalhães & Moniz-Editores.
- SILVA, Inocência Francisco da. 1916-1923. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. IV, XXII, XXIV. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Vivian Batista da & CORREIA, António Carlos da Luz. 2004. “Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (Portugal-Brasil)”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. Vol. 34, nº 123, in [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742004000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742004000300006&script=sci_arttext) (consultado em 5 de novembro 2009).

## Anexo

### Quadro de Autores

Autores comuns* *com textos por vezes comuns	Autores apenas em B.V. Moreira de Sá	Autores apenas em J.-I. Roquete	Autores apenas em João Chêze
<p>About, Andrieux, Arnault, Augier, Balzac, Banville, Claude Bernard, Brizeux, Bernardin de Saint-Pierre, Boileau, Bossuet, Bourdaloue, Bourget, Buffon, Chateaubriand, A. Chénier, Cherbuliez, Clarétie, Coppée, Corneille, Daudet, De lille, Déroulède, Desbordes-Valmore, Droz, Dumas (père), Dumas (fils), Erckmann Chartrian, Fénelon, Feuillet, Flaubert, Fléchier, Florian, La Fontaine, Gambetta, Girardin, Mme de, Girardin, Saint-Marc de, Goncourt, Hugo, Janet, Karr, Labiche, Laboulaye, Lacordaire, La Harpe, Lamartine, Lamennais, Leconte de Lisle, Lebrun, Legouvé, Le Prince de Ligne, Littré, Maistre, Malherbe, Malot, Massillon, Maupassant, Mérimée, Michelet, Millevoye, Molière, Montesquieu, Musset, Ohnet, Pailleron, Pascal, Ponsard, Prévost-Paradol, Prudhomme, Quinet, Racine, J. , Racine, L., Reclus , Regnard, Renan, Rochefort, Rousseau , Saint Lambert, Sainte-Beuve, Sand, Sardou, Ségur, Sévigné, Mme, Simiane, Mme, Simon, Taine, Thierry, Thiers, Veillot, Vigny, Voltaire, Weiss</p>	<p>Ackermann, Mme, Aicard, Amable Tastu, Me, A. M. Yon, Mlle, Arzelier, Barrillot, Baudelaire, Blanchard, Blanchet, Blok, Bonnier, Bouilhet, Bourguin, Bramtot, Brillat-Savarin, Chamfleury, Cherfils, Claudius, Deyrolle, Dhombres, Dolon, Dupuis, D'Aunet, De Gondrecourt, Flammarrion, Franklin, B. (d'après Dussouchet), Gautier, J., Géres, Grausselin, Gresset, Henry, Hoffman, Humbert, Just, La Bruyère, Lacausade Leguidre, Lesbazeilles Marion, Martin, Meissas, Mendès, Mignet, Monod, Muller, Murger, Mme Pape-Carpentier, Passy, Perrier, Piedagnel , Popelin, Porchat, Pressensé, Mme de, Rastibonne, Résseguier, Richepin, Richer, Rigaud, Rollinat, Saffray, Say, Stahl, Stop, Tiercelin, Trotignon, Viennet</p>	<p>Baghava, Barthelemy, Comte de Beauvoir, Belmontet, Béranger, Berquin, Berryer, Bridaine, Brueys, Chenedollé; Courier, PL; Delavigne, Ducis, Duguet; Etienne, Marquis de feuchières, Fontanes de, Fraysinous, Gaillard, Gandy, Glaire, l'abbé, Grenus, Guéneau de Montbéliard-Guiraud, Guizot, La Bruyère, LeBailly, Lebrun-Ecouhard,, Léonard, Lesage, Mably, Maintenon, mme, Michaud, Mignet, Mirabeau, Montalembert, Moreau (Hégésippe), Nodier; Péréfixe, Pompignan, Pongerville, , Raynouard, Retz, Reybaud (Mme), Rousseau, J. B., Saint-Simon, Sande Servan, Soullary, Soumet, Staël, mme, au, Vauvenargues, Viaud, Villaret, Villemain, Volney.</p>	<p>Aicard, Bailly, Barante; Beaumarchais, Blanchet, Bourgogne, Bruno, Caumont; Auguste Comte; Daguesseau; Damiron, Diderot, Duclos, Franklin, Guérin, Mme E. de, Guérin, Maurice; Koerner, Lachambaudie, Loti, Manuel, Eugène, Marion, &gt;Marmontel, Monnoye, la, Naudet, Neufchateau, Pape-Carpentier, Paris, Ponsard, Porchat, Ratsibonne, Reclus o, La Rochefoucauld, Rocherolles, Rollin, Saintine, sédaine, Shtahl, Tastu mme, Theuriet, Tpfér, Tournier, Viouleau</p>